

como já foi dito, na contemplação de um crepúsculo, defrontando os últimos raios cor-de-rosa estertorantes de sua geração, enquanto a geração nova, caminhando dentro da noite, verá primeiro o dia. Começou as atividades literárias no Grêmio Barbosa de Freitas, fundado em 1902. Aos quinze anos de idade já apresentava bons versos na revista *31 de Agosto*, do citado Grêmio e, depois, na *Fortaleza*, de que foram criadores principais Joaquim Pimenta e Raul Uchoa (1906). Aí, publicou sonetos como “O Relógio” e “Ressurreição”, os quais, algo modificados, incorporou ao livro de estréia *Terra Mártir*, 1918, 2ª ed. 1937, bem como “Os Grous”, saído, posteriormente, em *Poemas da Solidão*, 1943. Noutra revista de Joaquim Pimenta — *Terra da Luz* (1908) também colaborou: achase nas páginas desta o seu talvez melhor soneto — “Jacarecanga”, como aqueles dois primeiros incluídos em *Terra Mártir*. Usou os pseudônimos — Rubens da Maia e Lúcio Várzea. Em afirmação incontestável, Cruz Filho qualifica-o “um dos maiores poetas contemporâneos do Ceará, que prima pela correção da linguagem e pelo vigor da inspiração.” Além dos livros aludidos, deu à lume: *Os Versos de Ouro de Pitágoras*, 1925, 2ª ed. 1956, e *ABC do Padre Cícero*, 1944. Faleceu em Fortaleza a 8 de abril de 1967.

OCUPANTE ATUAL

JOÃO JACQUES Ferreira Lopes. Nasceu no dia 27 de janeiro de 1910, em Fortaleza. Filho de Henrique Jorge Ferreira Lopes e Júlia Magalhães Jorge. Aprendeu as letras primárias em escola particular, no Externato São Rafael, anexo ao Colégio da Imaculada Conceição, e no Colégio Nogueira. Começou o secundário no Colégio São Luís, do prof. Meneses Pimentel, e terminou-o no Seminário Arquidiocesano de Fortaleza. Fez no Liceu do Ceará o chamado Curso Elefante. Trabalhou em empresas comerciais e na Rede de Viação Cearense. Foi Secretário de Educação da Prefeitura Municipal de Fortaleza (1951-1954). É funcionário do Estado e exerceu as funções de Chefe do Gabinete da Presidência do Banco

do Nordeste do Brasil S.A., além de vários outros cargos públicos e autárquicos. Cronista, poeta, jornalista e pintor. As suas crônicas são aplaudidas pela originalidade e graça com que são lançadas, e já reunidas em volume com o título *Alma em Corpo Oito*, 1964. Publicou ainda: *Aspectos Econômicos do Ceará* (reportagens), 1954; *A Grande Viagem* (notas de viagem aos Estados Unidos), 1966; *Os Cardeiros Sangram* (crônicas), 1967; *Uma Fantasia e Nova Histórias Reais* (contos), 1969; *A Canção do Tempo* (crônicas), *A Prece do Menino Aflito* (poesia); *Sala de Espera* (teatro).

29

PATRONO

PAULINO NOGUEIRA Borges da Fonseca. Um dos fundadores do Instituto do Ceará e seu primeiro presidente. Bacharel em Direito pela Academia de Olinda, em 22 de dezembro de 1865. Promotor Público. Professor e Diretor do Liceu do Ceará, na cadeira de Latim, língua que dominava superiormente. Inspetor Geral da Instrução Pública. Deputado Geral de 1872 a 1879. Desembargador do Tribunal de Apelação do Ceará. Jornalista, muitas páginas de erudição mandou para os jornais e revistas do seu tempo. A sua cultura era granítica: foi autoridade nos domínios das Letras, do Direito e da História. Um acatado e admirado. A sua bibliografia é volumosa e cada produção sua uma validade. Guarda-as na mor parte a *Revista do Instituto do Ceará*. O seu *Vocabulário Indígena*, com que se abre o primeiro número desta velha publicação, é obra de pesquisador acurado e consciente, procurando a explicação e verdadeira interpretação de nomes da língua dos nossos antepassados das florestas. Uma dignidade humana, o Dr. Paulino Nogueira, falecido em 15 de junho de 1908 nesta Capital, onde nascera a 27 de fevereiro de 1842. Filho de Francisco Xavier Nogueira e Maria das Graças Nogueira.